



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

**Patrícia Aranha (UNI-BH)**

*A televigilância do acontecimento  
Análise da notícia em tempo real<sup>1</sup>*

**Resumo**

A forma simbólica do jornal on-line surge estruturada por leis discursivas e formais anteriores ao advento da Internet. Por isso, além de tentarmos diagnosticar os efeitos da supremacia do tempo sobre o espaço numa era em que a virtualidade domina a atualidade, foi feito um mapeamento da construção de sentido no discurso jornalístico. Foram três os jornais observados: *Uol News*, *Jornal da Lilian* e *Último Segundo*, hospedados nos portais *Uol*, *Terra* e *IG*, respectivamente. A análise revelou que, no reino do efêmero, os jornais on line usam a fragmentação da narrativa para tentar atualizar o discurso, o que leva a uma construção do sentido por adição. E ainda que copiam os modelos das agências de notícias e das emissoras de TV 24 horas, como a norte-americana CNN, para fomentar o encontro do leitor com o estado puro do acontecimento, seguindo a lógica da televigilância.

**Palavras-chave:** Jornalismo online, hipermídia, tempo real.

*“O tempo não existiria se não houvesse alguém para marcá-lo” Lewis Carrol (Alice no país das maravilhas)*

A forma simbólica do jornal on-line surge estruturada por leis discursivas e formais anteriores ao advento da Internet. Mesmo conformada a um novo suporte, a nova mídia nasce informada por modelos de comunicação que a antecedem. O discurso jornalístico surgiu no século XVII refletindo o aproveitamento das potencialidades técnicas de impressão, desenvolvidas desde o surgimento dos tipos móveis de Gutemberg, na Alemanha de 1480. A criação de novos suportes mediáticos \_ o cinema no final do século XIX, o rádio na segunda década do século XX e a televisão nos dez

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



anos posteriores \_ trouxe profundas transformações a este discurso. Da mesma forma, a emergência da utilização da internet como mídia massiva na última década do século XX, provocou novas mudanças formais. Mesmo retomando a idéia de McLuhan de que nos tornamos analfabetos a cada emergência de um novo suporte tecnológico, pretendemos nos ater menos às modificações da técnica e mais às profundas transformações de um mundo que se organiza com dependência crescente da produção de imagens e informações, sempre atentos aos perigos daquilo que Virilio chamou de poluição dromosférica, onde a geopolítica cede lugar à cronopolítica.<sup>1</sup>

Neste estudo, além de tentarmos diagnosticar os efeitos da supremacia do tempo sobre o espaço numa era em que a virtualidade domina a atualidade, faremos um mapeamento da construção de sentido no discurso jornalístico operado em tempo real. Foram três os jornais on line observados: *Uol News*, *Jornal da Lilian* e *Último Segundo*, hospedados nos portais *Uol*, *Terra* e *IG*, respectivamente.

Se a virtualidade domina a atualidade, subvertendo a noção de realidade e provocando uma crise da representação pública tradicional em benefício de uma apresentação, como é feita a atualização desse novo discurso jornalístico? Podemos dizer que a representação foi abolida? Tentamos diagnosticar alguns efeitos da supremacia do tempo sobre o espaço no discurso jornalístico e identificar como os produtores de jornais on line criam estratégias para operar em tempo real.

Para orientar nossa análise, apontamos dois caminhos para a construção de hipóteses: a fragmentação da narrativa como estratégia para garantir o presente perpétuo e as iniciativas para fomentar o encontro do leitor com o estado puro do acontecimento, ou seja, o flash, ou despacho de agência.

Mouillaud observa que o sentido se constrói dia após dia nos números do *Libération*, mostrando como um título como “O retorno do terror”, agrega significado à fotografia de um atentado na primeira página, acordando a memória de um conhecimento vigilante ao alcançar uma série de atentados ao longo de um período de

---

<sup>1</sup> O termo deriva de dromos, que significa corrida, e pretende designar a contaminação, não só dos elementos e substâncias naturais, mas ainda o espaço tempo do planeta ameaçado pela evolução dos meios de transporte e de comunicação. Em VIRILIO, Paul – *O espaço crítico*. São Paulo, Editora, 34, 1999, p. 105

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



tempo.<sup>2</sup> Que sentido é construído segundo após segundo, para os tele-leitores do jornal *Último Segundo*, uma publicação brasileira que só existe sem espessura, na tela dos computadores e que, ao ser criada dentro do portal *Internet Grátis* ou *IG*, no final de 1999, causou transformações no mercado por ter roubado a sólidos e tradicionais jornais impressos alguns dos mais bem pagos profissionais? Ou que construção de sentido é feita a partir de dois exemplares de hibridação discursiva entre o “tempo real” e o “ao vivo” televisivo: os boletins do *Uol News* e do *Jornal da Lilian*, experimentações noticiosas em banda larga dos portais *Uol* e *Terra*, respectivamente. As respostas a essas indagações pretendemos encontrar no estudo pormenorizado de uma mídia ainda em formação, apesar de seu potencial vertiginoso de crescimento.

Chamamos de “experimentações noticiosas” porque a rotina de produção das redações e o formato de apresentação dos jornais estudados foram criados a partir do que se conhece como tentativa e erro. Não há modelos a serem seguidos. Portanto, destacamos o que, em cada um, lhe é original .

Torna-se importante evidenciar que tratamos o acontecimento como resultado de estratégias em que participam promotores e montadores do acontecimento. Mouillaud aponta que um acontecimento é transformado em notícia quando ocorre dentro de um intervalo de tempo e espaço legitimado. Pedindo emprestado ao cinema a noção de enquadramento, Mouillaud chama o estabelecimento de limites de tempo e espaço de molduras da experiência. Para isolar uma experiência, é preciso enquadrá-la. A cena do acontecimento pressupõe um local e um período de tempo. De outra forma, o fato não poderia ser aprisionado para ser transportado e trocado por outro dentro de uma rede de fluxos de informação.

Mas o que o nosso mundo mediático trouxe de modificação a essa experiência de enquadrar o acontecimento? Ao modificar um dos balizamentos da cena do acontecimento, o tempo, o jornal on line redireciona ou reenquadra o acontecimento. Depois de entender que o acontecimento é uma construção, uma representação do real que requer limites de espaço e tempo para que possa ser transportado, passamos a

---

<sup>2</sup> Sobre a construção de sentido no jornalismo impresso ver MOUILLAUD, M – *O jornal da forma ao sentido*, Brasília, Paralelo 15, 1997, p. 50

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



discutir como o tempo real incrementa a estratégia do presente perpétuo que já se verificava nos modelos impressos e, principalmente, televisivos e radiofônicos, mas que agora se instaura na boca de cena, para tomar emprestado um termo do teatro numa era de espetacularização do fato noticioso.

#### Estudos de casos

Escolhemos sites noticiosos que têm experimentado, no Brasil, novos formatos para as últimas notícias, com sucesso comprovado pelo número de acessos. Como não há medição sobre o acesso a cada sessão separada dos portais, um dos balizamentos para a escolha, foi o volume de acesso de todo o portal, a partir do ranking do Instituto Verificador de Circulação (IVC).

O *Uol* mantém liderança absoluta no mercado nacional desde a primeira auditoria independente realizada pelo IVC em maio de 2000. Os resultados referentes ao mês de março de 2001, mostram que o *Uol* registrou uma média diária de 46.409.417 page views e 491.309 usuários únicos por dia. Depois dele, vem o *Terra*, que pela primeira vez em março ultrapassou o terceiro colocação, o *Bol*, do mesmo grupo do *Uol*, numa guerra pelo segundo lugar, que se arrasta também desde o primeiro relatório do IVC em maio de 2000. Tanto o *Terra* como o *Uol* lançaram um novo formato para as últimas notícias que agrega conteúdo de imagem e som para o uso da internet através da banda larga (internet de alta velocidade para usuários domésticos). Como o número de usuários de banda larga ainda é pequeno no Brasil – 180 mil em abril de 2001 – o formato dos sites noticiosos avaliados não exclui os internautas que têm conexão mais lenta, como a discada.<sup>3</sup> A estratégia de experimentar um novo leitor, mesmo antes da consolidação da nova mídia em banda larga, também motivou a escolha. No caso do *Terra*, foi analisado o *Jornal da Lilian*, ancorado pela jornalista Lílian Witte Fibe. No *Uol*, foi escolhido o *Uol News*, ancorado pelo jornalista Paulo Henrique Amorim.

---

<sup>3</sup> O contingente de 180 mil assinantes de banda larga foi fornecido pela revista *InfoExame*, da editora *Abril*, de maio de 2001, página 61, onde também foi divulgada uma projeção do IVC de que, em 2003, haverá um milhão de usuários no Brasil usando a conexão rápida que permite acessar sites que reúnem imagem, áudio e texto, com qualidade.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O terceiro site noticioso analisado foi o *Último Segundo*, ligado ao portal *IG*, por ter sido o pioneiro na iniciativa de privilegiar conteúdo exclusivo para a Internet, sem ter por trás um similar impresso. Toda a produção da redação vai para o formato on line, com foco nas últimas notícias, que se traduz em obsessão pelo tempo real. A meta, segundo a editora do *Último Segundo*, Carol Chagas, é colocar no ar uma notícia por minuto ou 1.440 notícias por dia. Em julho de 2000, o site contabilizava 1.000 notícias diárias. Para isso, conta com material das agências de notícia e da Rádio Band, além dos que os repórteres e editores produzem. Apesar de pioneiro, só em abril de 2001, mais de um ano depois de entrar no ar, o *US* começou a fazer experiências com banda larga. Durante o período de coleta, o jornal ainda apresentava as informações apenas em texto e foto, sem abarcar a possibilidade de áudio e imagem em movimento.

Para melhor definir as similaridades e distinções entre os três estudos de casos, além de visitas às redações e da observação assíncrona dos sites noticiosos, foi feita uma coleta sincrônica em 8 de dezembro de 2000, entre 13h e 20h, de todas as notícias veiculadas nesse período.

Para efeito da análise formal e discursiva foram identificadas as matérias que tratavam de assuntos semelhantes. Foram encontrados quatro grandes temas tratados pelos três sites: Eleições norte-americanas, visita do presidente da República Fernando Henrique Cardoso a Mato Grosso do Sul, a violência no Oriente Médio durante a comemoração do primeiro levante palestino batizado de “Dia da Ira” e as negociações para antecipação da Área de Livre Comércio entre as Américas (Alca). Pelo volume de matérias que cada site colocou no ar e pela maneira como o assunto foi privilegiado nas manchetes dos três jornais, o primeiro tema, a apuração das eleições presidenciais nos Estados Unidos, foi o que melhor se adaptou para a análise, dada a diversidade do material publicado.

## Último Segundo

Foram mais de 30 matérias diferentes que o *US* disponibilizou sobre a polêmica apuração da eleição americana no transcorrer do dia 8 de dezembro de 2000. A partir



das 17h35min, quando saíram as decisões de dois tribunais na Flórida, as matérias começaram a se acumular, algumas até com informações repetidas.

Depois das 19h, saiu a decisão da Suprema Corte determinando a recontagem manual dos votos no Estado. O US procurou colocar na rede tudo o que lhe chegou via agência de notícias sobre o caso e produziu também material exclusivo. Às 19h50min, o internauta poderia acessar todas elas e ter uma idéia de como o US contou a história. Nesse horário, a notícia sobre a decisão da corte já havia virado a manchete do US também na primeira página do portal IG.

Às 19h43min28seg esta era a terceira manchete na primeira página do US: “Corte Suprema da Flórida ordena recontagem manual de votos”. Como segundo elemento mais importante da manchete, foi colocado o horário da publicação da matéria, com a indicação do segundo em que foi ao ar. Logo abaixo da manchete, a data e o horário: 08-12 19:43:28. Como terceiro elemento, um resumo de pouco mais de duas linhas. A partir daí, o leitor interessado na matéria teria duas alternativas: acessar o texto clicando com o mouse na linha colocada abaixo da manchete ou, no caso de estar satisfeito com o resumo e ansioso por ler outras notícias relacionadas, passar direto às outras narrativas clicando no quarto elemento da manchete, o ícone “Leia Mais”.

Vamos analisar as duas alternativas, imaginando que a navegação comece pelo acesso ao restante da matéria. Clicando na manchete, o leitor tem à disposição uma matéria de 11 linhas. A manchete da primeira página é o título. Logo abaixo vem o horário da publicação, o crédito (no caso, a agência France Press, identificada como AFP), o mesmo resumo de pouco mais de duas linhas que estava na página da abertura. O texto da matéria começa com mais uma repetição do resumo da narrativa. Nota-se que das 11 linhas do texto, apenas sete são de informação nova. O texto é resumido, sem ser telegráfico. O tempo usado é o presente.

Depois de ler a matéria, o leitor resolve acessar outras notícias sobre o assunto. Para isso, basta usar a barra de rolamento para ter acesso a dezenas de matérias relacionada sob o título “Mais notícias”, que vêm separadas da matéria acessada por uma linha. Como o site é atualizado automaticamente, a primeira coisa que o leitor poderá notar é que já foi colocada no ar uma nova matéria desde que ele começou a



navegar. Não há número limitado de textos que podem ser disponibilizados. Muitas vezes passam de uma centena, só sobre o mesmo assunto, em dias diferentes, ordenados sempre do mais atual para o mais remoto. Destaca-se a importância do tempo na apresentação da narrativa. O horário em que a matéria foi disponibilizada é sempre o primeiro elemento de cada manchete.

A primeira leitura dessas manchetes sobre a eleição norte-americana possibilita identificar um dos problemas da redação do *US* ao perseguir a meta de publicar uma matéria por minuto: a repetição de matérias, portanto, não são novas informações. Dentre as 20 primeiras que foram reproduzidas, havia quatro matérias, oriundas de diferentes agências de notícias, com o mesmo conteúdo e título bastante semelhante. Observamos ainda que, mesmo diante de farto material disponibilizado pelas agências brasileiras e estrangeiras, o *US* produz conteúdo exclusivo também para assuntos internacionais, através de correspondentes. Neste caso, a estrutura se assemelha às das agências com uma manchete e um resumo, mas é possível notar que evita-se a repetição de informações, o que reforça a tese de que é ligeira a edição das matérias oriundas das agências de notícias. O fato é confirmado pelos editores do *US* que alegam que a prioridade é publicar mais rapidamente que os concorrentes e que a grande maioria das matérias não é lida por eles. Mais uma vez percebe-se o domínio do tempo na adequação das rotinas de redação. Publicar primeiro é a meta. Os editores admitem que, se for ao ar alguma informação incorreta, conserta-se depois.

O *US* publicou dezenas de matérias sobre o assunto eleições norte-americanas ao longo do dia. Ao final da coleta, às 20h de 8 de dezembro, havia 47 matérias sobre o tema. O leitor poderia acessar a todas ou a uma delas, de acordo com sua necessidade. Usamos aqui o conceito de informação operacional, bastante rico para esse tipo de análise porque tenta explicar a natureza da informação da mídia on line. Embora efêmera, ela é importante para um certo tipo de usuário pela rapidez de acesso proporcionada. O leitor do hipertexto informático vai acessar a informação que pode ajudá-lo operacionalmente. No caso mencionado, ele pode querer saber apenas o que está acontecendo na Flórida naquele momento. Não há necessidade do passado dessa informação porque ele já tem esse conhecimento. Só quer atualizá-lo e, para isso, quer



ter acesso à fotografia do acontecimento, exercendo o que chamo de televigilância daquele momento através do capítulo mais recente. As notícias veiculadas pelo jornalismo on line são, em sua maioria, voláteis, têm um tempo de vida de algumas horas. A qualquer minuto pode surgir uma nova notícia para se somar à anterior, atualizando-a. É comum, portanto, a narração em capítulos. Na coleta, esse fato foi observado no noticiário sobre a eleição nos Estados Unidos, um assunto que, graças às redes norte-americanas de notícias, alimentou por vários dias os sites noticiosos com boletins minuto a minuto. No transcorrer de um dia, essa série de notas compõe uma narrativa em pedaços. Aqui começa a esboçar-se o sentido de “fechamento” que os profissionais do meio declaram ser feito a todo instante na mídia on line.

#### Uol News

A prioridade do *Uol News* são os boletins personalizados. Foi neles que o assunto eleições norte-americanas foi destacado ao longo do dia 8, com conteúdo de imagem, som e texto.

A coleta foi feita depois das 13h, mas como o próprio site permite o acesso às informações mais recentes, notamos que, pela manhã, nos primeiros boletins do jornalista Paulo Henrique Amorim, o assunto não foi tratado. No primeiro boletim da tarde, 13h, onde a manchete focalizou a colocação do Brasil como segundo país com mais investimentos estrangeiros, um dos destaques foi o aumento da taxa de desemprego nos Estados Unidos. Antes disso, exatamente às 12h08min, uma bandeira dos EUA passou a ocupar a quarta das seis telas de TV colocadas à esquerda da tela (dão acesso aos seis boletins diários), com a manchete “Desemprego nos EUA sobe para 4%”. Foi aproveitando este ícone, a bandeira, que às 14h24min o tema eleição nos Estados Unidos começou a aparecer no site do *Uol News*. Sobre a bandeira, foram colocadas as fotos dos candidatos George W. Bush e Al Gore. A manchete era: “Decisão nos EUA deve sair ainda neste 6<sup>ª</sup>”.

A informação transmitida ao vivo pelo âncora Paulo Henrique Amorim foi transposta em texto para atender a usuários de banda estreita. Nesse caso, o leitor poderia acessar a matéria ou clicar em três ícones colocados acima da manchete. O



primeiro permite enviar o texto por e-mail para outro endereço eletrônico. O segundo permite discutir o assunto no *Bate-papo Uol*. E o terceiro, *Assista ao vídeo*, permite o acesso direto à informação em áudio e vídeo.

Na transcrição da informação textual observamos que não há grandes alterações do formato já visto no *Último Segundo*: texto curto, com ênfase para o horário em que a matéria foi publicada.

Essa primeira matéria é o que, no jargão jornalístico, poderia ser chamada de matéria fria, aquela que pode ser produzida em tempo distinto do acontecimento. Apesar da hora de publicação evidenciada (14h28min), poderia ter sido divulgada em qualquer jornal impresso matutino daquele dia. Nenhuma das três decisões anunciadas pelo texto haviam sido tomadas. A intenção é preparar o leitor para o que a redação está lhe preparando, seguindo uma estratégia de alertá-lo para uma possível informação que lhe atenda operacionalmente.

No boletim das 16h, foi divulgada uma informação mais recente. Como a velocidade domina o jornalismo on line, tão logo apurada, a notícia virou manchete. Foi ao ar ao vivo, antes do boletim das 18h como um extra, lembrando uma rotina própria das emissoras de rádio e tv. Paulo Henrique Amorim improvisou um texto curto com as informações coletadas nas agências de notícia. Nota-se aí uma diferença em relação ao *US*: a intermediação, portanto representação, do que é apresentado pelas agências.

Há outra diferença crucial do texto adotado pelo *Uol News* em relação à forma de publicar notícias do *US*. O número de notícias é menor, portanto é possível editar o material que chega pelas agências de notícias e através da rede *CNN* e produzir um texto onde há uma narrativa com passado, presente e futuro. Mesmo que essa narrativa seja substituída ao longo do dia (como verificado na data da coleta), ela condensa um encadeamento no tempo, parecido com o da produção da narrativa no jornal impresso. O leitor não tem acesso direto aos flashes de agência como acontece no *US*. O *Uol News* não se preocupou em colocar mais do que seis notícias ao longo do dia sobre a eleição norte-americana.

O leitor tem acesso a menor número de relatos, mas não a menor número de informações porque há uma condensação dos relatos. A estratégia é, portanto, distinta.



No *Uol News* o tempo real também é prioridade, mas sem abrir mão de uma edição do acontecimento feita pelos jornalistas. Veremos adiante que essa também é a estratégia utilizada pelo *Jornal da Lilian*.

Como o último boletim do *Uol News* vai ao ar às 19h, o jornal não noticiou a decisão da Suprema Corte da Flórida que exigiu a recontagem manual de votos. A atualização só seria feita no dia seguinte, o que evidencia falhas na estratégia de perseguir o tempo real, condicionando a apuração do real ao que acontecer entre 10h e 19h. O *US*, ao contrário do *Uol News* e do *Jornal da Lilian*, é atualizado 24h por dia, permitindo que a notícia não envelheça até o horário nobre dos telejornais noturnos ou à publicação dos impressos matutinos.

#### Jornal da Lilian

Assim como no *Uol News*, as matérias sobre a apuração da eleição norte-americana foram divulgadas nos boletins em conteúdo multimídia e transpostos para texto jornalístico, podendo ser acessados também pelo usuário que não tem acesso à banda larga. Durante o período de coleta, o assunto foi duas vezes manchete da primeira página do portal *Terra*, logo abaixo do ícone “Últimas Notícias”. Nos cinco boletins diários editados pela jornalista Lílian Witte Fibe, o assunto foi tratado em quatro deles. Em três, foi manchete: às 13h, 18h e 19h. No último boletim, era possível ter acesso a todos os anteriores, bastando usar a barra de rolamento. A memória pode também ser recuperada através da página de abertura onde, além dos ícones “No ar” (onde é possível ter acesso também aos extras), há os links “Horário dos boletins”, com os boletins do dia e o “Boletins anteriores”.

Os textos são curtos, não mais que nove linhas e o estilo é mais telegráfico. Não são usados qualquer verbos no tempo passado. São usados no presente, com abuso do gerúndio ou ainda no futuro mais próximo: “vai se reunir”. A atualização não é feita apenas para o dia, como nos jornais impressos onde o presente perpétuo vem sempre acompanhado da palavra “hoje”. Nesse caso, o tempo é o de “agora à tarde”, mencionado duas vezes num texto de nove linhas.



Também no Jornal da Lilian, a notícia publicada foi redigida e editada pelo corpo de redação, mesmo que a fonte seja uma agência de notícia. Informações da própria redação dão conta de que o objetivo é traduzir para o leitor as informações veiculadas pelas agências, fundidas com informações dadas através de entrevistas exclusivas e checagem de dados pela equipe. Com isso, pretende-se que o material publicado seja exclusivo e, ao mesmo tempo, diferente do que os concorrentes publicam como últimas notícias. O jornalista é tratado como filtro. O processo assemelha-se ao do Uol News que também pretende interpretar as matérias apuradas em outras fontes. O papel dos âncoras é fundamental nos dois sites noticiosos.<sup>4</sup>

#### Principais conclusões

A análise revelou que, no reino do efêmero, os jornais on line usam a fragmentação da narrativa para tentar atualizar o discurso, o que leva a uma construção do sentido por adição. E ainda que copiam os modelos das agências de notícias e das emissoras de TV 24 horas, como a norte-americana CNN, para fomentar o encontro do leitor com o estado puro do acontecimento, seguindo a lógica da televigilância.

Partindo do princípio de que o acontecimento é uma construção, através do enquadramento no tempo e no espaço de uma parcela do real, chegamos à conclusão de que se modifica a relação de tempo e espaço, mas não a de simulacro do real. Continua havendo representação. A televigilância, contudo, reduz a aparência de simulacro ao aproximar o momento do enquadramento do real (a apuração da notícia) do instante de sua publicação.

A instantaneidade da apuração e a exigência de velocidade na publicação, reduziu uma série de rotinas jornalísticas de produção que, por sua vez, possibilitavam uma quantidade maior de enquadramentos diferentes do mesmo acontecimento. Contribuiu para isso, não só a utilização de tecnologia digital em todas as etapas do processo mas também a redução na hierarquia do corpo das redações. Os jornalistas da web passaram

---

<sup>4</sup> Com o objetivo de melhor compreender a especificidade dos textos de jornais digitais, foram recolhidos no dia posterior à coleta, duas publicações impressas diferentes: Folha de São Paulo e Estado de Minas, de 9 de dezembro de 2000. Neste artigo, contudo, não vamos comentar as comparações que serviram mais para confirmar mudanças formais entre a estrutura narrativa impressa e on line, do que para agregar novos esclarecimentos às estratégias do tempo real.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



a acumular funções. São repórteres, fotógrafos e editores, na maior parte das vezes. Contudo, a abolição de algumas dessas etapas de produção ou a aceleração dos processos não implicou na eliminação do hiato entre a apuração da notícia e sua publicação. Ainda há o tempo da produção e é nele que continuam a ser feitas as mediações ideológicas.

A quantidade de notícias sobre o mesmo assunto publicadas pelos jornais on line pode ser comparada à sucessão de imagens digitais de uma web cam (câmeras minúsculas que já viraram mania entre os internautas para flagrar os acontecimentos do dia) ou a milhares de câmeras instaladas nos metrô, bancos, portarias de prédios, escritórios, em todos os lugares do nosso mundo mediático para garantir a segurança dos cidadãos proprietários. É a vigilância do acontecimento. Num jornal que vai ao ar durante 24h, como o Último Segundo, e que se baseia nos modelos dos flashes das agências de notícia, é como se o leitor pudesse acessar a várias câmeras colocadas em pontos diferentes do mundo. O objetivo é apresentar a realidade, de forma simultânea aos acontecimentos, reduzindo cada vez mais o espaço da representação. Mas esse espaço não é abolido. A angulação do acontecimento continua a ser feita pelo repórter da agência, do jornal, pelo editor ou pelo âncora.

Assim como o acontecimento, o tempo real é uma construção simbólica complexa. O primeiro jornal analisado, o Último Segundo, trabalha o conceito de tempo real através da adaptação do modelo dos flashes de agências, colocando o leitor em contato direto com o estado puro do acontecimento. Reiteramos que o acontecimento não se confunde com o real, mas é uma representação dele. Mesmo no caso das matérias exclusivas, onde há menos mediadores, a interpretação do acontecimento é feita pelo único emissor que envia texto e imagem já editados diretamente para a tela do usuário.

Os outros dois jornais \_ Uol News e Jornal da Lilian \_ traçaram uma estratégia diferente para aproximar o internauta do acontecimento, usando uma linguagem híbrida entre o telejornalismo e o jornalismo impresso. A estrutura dos boletins se aproxima da gramática do “ao vivo”, utilizando conteúdo de imagem e áudio, e são reforçados com textos que se pretendem menos fragmentários. Os âncoras desses jornais reescrevem as notícias produzidas por diversas fontes. Isso não significa que, mesmo no US, não exista



uma releitura do real. Para reforçar este ponto, lembramos a análise de BAKHTIN<sup>5</sup> mostrando que o discurso jornalístico serve-se de uma estrutura de citações encaixadas, de tal modo que o jornalista não se conecta com fatos, mas com falas.

A fragmentação é uma característica observada nos textos dos três sites. É através da narração em capítulos que os jornais digitais tentam atualizar os discursos. A construção do sentido vai partir da adição dessas narrativas fragmentárias. Observamos como os produtores dos jornais on line entrevistados interpretam a mudança de rotina da redação como se fosse um “fechamento” o tempo todo. Analisamos essas falas sob a lógica da comparação com rotinas dos jornais impressos e telejornais, onde os produtores da notícia constroem uma narrativa que só será publicada uma única vez e que estará materializada nas bancas do dia seguinte. O sentido de “fechar” a edição, nesse caso, é construído até o minuto final em que a página digitalizada será remetida para a impressão. Nos jornais on line, não há uma única publicação mas várias durante o dia. Por isso, os editores afirmam que há um fechamento o tempo todo.

Essa percepção do ponto de vista do emissor da notícia não se verifica, contudo, na recepção. Recuperando novamente o conceito de informação operacional vamos ver que o leitor faz sua própria navegação a partir das matérias que são consideradas importantes para ele, naquele momento específico. Dessa forma, ele edita seu próprio jornal, clicando onde lhe parece mais eficaz para atender a sua demanda operacional ou onde lhe for mais atraente, seguindo alguns apelos discursivos utilizados pelos editores. Pode navegar por jornais on line distintos e por sites não noticiosos ao mesmo tempo que procura sua informação. Por se tratar de um hiperdocumento, o jornal on line lhe propicia uma diversidade de construções de sentido. Como diz LÉVY (1996:48): “A partir das home pages e dos hiperdocumentos on line, pode-se seguir os fios de diversos universos subjetivos”. Nesse caso, portanto, é o leitor que faz o “fechamento” e não o editor, mesmo nos jornais impressos. A diferença é que nos jornais on line há maior oferta de produções simbólicas, o que amplia as possibilidades de leitura.

Vamos tratar agora de outra característica do discurso jornalístico da mídia on line, a hibridação. Preferimos falar em hibridação do que em síntese discursiva, por

---

<sup>5</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1986.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



entender que a síntese implica em fusão ou composição. Tomando como base os relatos dos próprios editores sobre a experimentação discursiva dos jornais on line, chegamos à conclusão que a narrativa é feita de forma híbrida de conteúdos em áudio, imagem e escrita. Um se sobrepõe a outro sem uma relação linear ou hierárquica. Se um texto escrito chegou à redação primeiro vai ao ar imediatamente sem a foto que lhe corresponda. Num momento posterior, a foto poderá ser anexada, atualizando o texto. Não há regras rígidas como as existentes em televisão de que um conteúdo sem imagem não possa ir ao ar. A informação seguirá para o leitor em diferentes conteúdos, sem que estes necessitem estar atrelados. Na internet, as diferentes formas de apresentação do texto são independentes, sem a pretensão de sintetizar um discurso.

Na análise discursiva vimos como as estratégias do tempo real modificaram o conceito de notícia explorando ao máximo o presente perpétuo. MOUILLAUD (1997:71) nos fala que os acontecimentos se reúnem em uma unidade do tempo e que a informação arranca os acontecimentos de suas raízes e os liga através de uma “fina lâmina” do tempo: a atualidade, tratada por ele também como o “reino do efêmero”. Sob essa lógica, compreendemos porque nos jornais on line o uso dos verbos no presente é tão intenso assim como a necessidade de marcação do horário da publicação da notícia, em frações de minutos. “A lei do jornal quotidiano é de apagar-se e reproduzir-se de um número a outro, não produzindo nada além de uma coleção”, como afirmou MOUILLAUD (1997:72). No caso dos jornais on line, a cada minuto poderá haver um novo número, atualizando o sentido do discurso anterior. O uso do verbo no presente e o abuso de gerúndios servem para reforçar o caráter de instaneidade e novidade das notícias.

Para finalizar, gostaríamos de lembrar que o usuário da mídia on line é também leitor de jornais impressos, telespectador e ouvinte de rádio, o que nos fortalece a análise de uma construção de sentido por adição. Nos jornais on line, este leitor procura a informação rápida que melhor atenda a sua demanda operacional naquele momento. A memória desse acontecimento ou suas implicações no futuro poderão ser acessadas por ele em diferentes tipos de mídia, inclusive no jornal on line em outro momento.

## **BIBLIOGRAFIA**



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- BAUDRILLARD, Jean – Simulacros e simulações. Trad. Maria João da Costa Perura. Sta Maria da Feira: Relógio d`água, 1991.
- DEBRAY, Régis – Curso de midiologia geral. São Paulo. Editora Vozes, 1994.
- LÉVY, Pierre – As tecnologias da inteligência. Coleção Trans. São Paulo. Editora 34, 1993.
- Cibercultura. Coleção Trans. São Paulo. Editora 34, 1999.
- MAFFESOLI, Michel – A conquista do presente. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 1984.
- MARCONDES FILHO, Ciro (org) – Pensar- pulsar. Cultura Comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo. Edições NTC, 1996.
- MCLUHAN, Marshal – Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo. Ed. Cultrix, 5ª ed, 1964.
- MOUILLAUD, Maurice – O jornal da forma ao sentido. Brasília, Paralelo 15, 1997.
- NEGROPONTE, Nicholas – A vida digital. São Paulo. Companhia das Letras, 2ª ed, 1995.
- PALÁCIOS, M. e GONÇAVES, E. – Manual de Jornalismo na Internet. Não publicado. Salvador, 1996.
- PARENTE, André (org) - Imagem-máquina. A era das tecnologias do virtual. São Paulo. Ed. 34, 1993.
- PINTO, Júlio – A reading of time – A semantic-semiotic aproach. Belin-Nova York, Mouton de Gruyter, 1989.
- SERVA, Leão – Babel. A mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos. São Paulo. Ed. Mandarim, 1997.
- THOMPSON, John – Ideologia e Cultura. Petrópolis. Ed. Vozes, 1997.
- VIRILIO, Paul – O espaço crítico. São Paulo. Coleção Trans. Editora 34. 1993.
- A máquina de visão. Rio de Janeiro. José Olympio, 1988.